

A importância dos agentes da cadeia produtiva

ANTONIO MAINIERI/DIVULGAÇÃO/JC

Além das dificuldades já mencionadas em tentativas anteriores de mapeamentos, há uma peculiar; o fato de muitos participantes não se considerarem artistas ou profissionais da cultura por exercerem outra atividade como a principal.

A historiadora da arte Mel Ferrari conta que, quando as pessoas foram indagadas sobre as atividades que exerciam, 90% das respostas marcavam mais de uma categoria, sendo as mais mencionadas: artista visual, professor/arte educador, pesquisador e estudante. “Os profissionais das artes visuais precisam recorrer a diversas áreas de atuação para seguir na área, nunca foi fácil, e é por essa razão que precisamos de dados para criar políticas públicas que fortaleçam o setor.”

Para a coordenadora do Comitê de Articulação Cristina Arns, existe ainda o mito do criador individual. Há negligência ou descaso sobre a importância dos outros agentes que fazem parte da cadeia produtiva ou dos sistemas de arte. “Não se cria apenas aquilo que se exhibe ou se comercializa. Cria-se, também, um modo de apresentação, experiências, eventos e condições de pesquisa e formação continuada”, explica Cristina, reforçando

que o mapeamento não pretende abarcar apenas artistas.

Esse parece ser mesmo um grande nó que parte da ideia de quem é identificado como artista, comenta Wagner Mello. Essa lógica limita a atuação, como se o artista fosse aquele que se mantém unicamente da profissão, reflete o educador social (“como se vivêssemos em um país que torna isto de fato possível”). Ele aponta a falta de incentivo por parte do Estado, além de todo o contexto que aniquila a autoestima dos artistas, de modo geral, e sobretudo dos que atuam a partir de uma existência atravessada pelo recorte social e de raça. “A autoestima dos artistas pretos e periféricos é atravessada por esse viés, e quando trazemos a questão do gênero é ainda mais difícil, basta analisar a visibilidade e o alcance da produção das artistas negras no sistema das artes.”

De certa forma, o mesmo foi identificado no mapeamento da dança, elaborado em 2020, outra única iniciativa de mapeamento ao lado das artes visuais. Syl Rodrigues tem 35 anos, é bailarina, pesquisadora das danças afro-diaspóricas e graduanda do curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Atualmente

ela é professora de dança no Centro da Juventude, no bairro Cruzeiro, em Porto Alegre, e em Viamão. Além disso, é responsável pelo núcleo de Dança do conteúdo extracurricular em uma escola particular. Syl comenta que se mantém financeiramente porque ministra aulas, caso contrário, se fosse apenas bailarina, não conseguiria viver exclusivamente desta renda para pagar aluguel, alimentação e atender as necessidades que dois filhos adolescentes exigem.

Mesmo cursando uma graduação na área e contando com uma vivência em dança desde os 12 anos de idade, Syl percebe uma lacuna no desenvolvimento dos profissionais, principalmente no que se refere ao empreendedorismo e à organização financeira. Para ela, a falta de conhecimento do cenário da dança provoca lacunas, sobretudo para os profissionais pretos. “Percebo uma grande distância em relação a editais e políticas públicas ao enxergar a dança como área de conhecimento e de potência cultural”, aponta. Segundo a professora, perceber-se como parte da sociedade faz com que profissional da dança se sintam capacitado, como pessoa física, a acessar os editais disponíveis.



Falta de incentivo prejudica autoestima dos artistas, afirma Wagner Mello

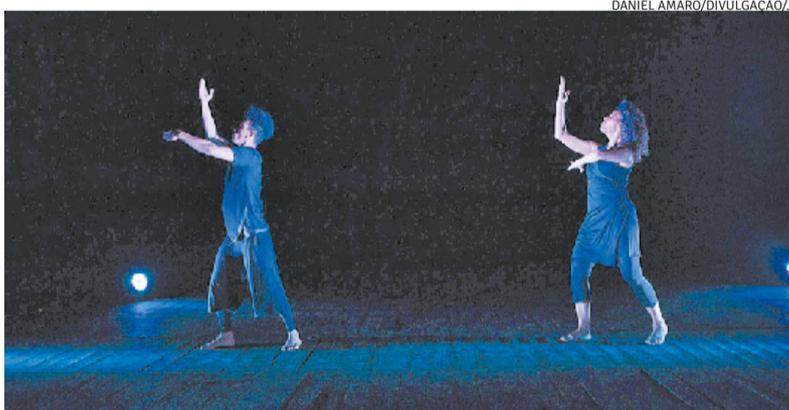
Reconhecer-se como categoria

No mesmo ano em que a pandemia foi anunciada, as discussões sobre o mapeamento da dança no Rio Grande do Sul começaram. A pesquisa era prevista, já que há anos ela constava no plano da dança do Estado e ainda não havia sido realizada. Em 2020, portanto, ocorre a criação do questionário, da plataforma e a definição da metodologia de pesquisa pelo Colegiado Setorial de Dança. A coleta de dados se deu em 2021. A análise dos dados coletados ainda está sendo feita. A coordenadora do mapeamento e professora da Universidade Federal de Pelotas, Maria Falkembach comenta que o estudo se mostra importante para que a categoria se reconheça como grupo, saiba quem é além de percepções meramente intuitivas.

A professora comenta que uma das tantas informações relevantes do mapeamento indica que a maioria daqueles que tra-

balham com dança se divide em outras atividades ou profissão. “Essa questão é muito importante para se pensar em editais que levem em conta a participação de pessoas que não vivam exclusivamente da dança. O problema é que, na área, a gente não trabalha só com isso justamente porque a renda da dança é muito baixa”.

Janaína Ferrari tem 33 anos, é dançarina, coreógrafa e professora. É licenciada em dança desde 2017, mas sua trajetória na área iniciou em 2008 na cena das danças urbanas. Ela comenta que, antes da pandemia, até o início de 2020, sempre contou com outros trabalhos, para além daquele que realizava com a dança, para complementar a renda. No meio da pandemia retornou para a cidade natal, Gravataí, onde pode focar no trabalho de professora e criadora junto ao Coletivo Grupelho, o qual faz parte. “Alguns editais emergenciais e



Mapeamento da dança no Rio Grande do Sul está em andamento desde 2020

auxílios para artistas me ajudaram muito, além da redução de custos de vida fora da Capital”.

A dançarina é vencedora do Prêmio Açorianos de Dança 2022 como Melhor Intérprete por *Ilha* (foto de capa), do Coletivo Grupelho, onde atua também como diretora e criadora. Janaína também é vencedora do Prêmio Açorianos de Dança 2019 de Direção em *Tiger Balm // Experimento Cênico* (foto

que abre a página 4).

Atualmente Janaína consegue viver do seu trabalho artístico como professora de dança e por trabalhos maiores que surgem juntamente do Coletivo Grupelho, trabalhos esses muito mais direcionados ao campo das artes visuais. “Sinto que sempre encontro dificuldades no campo dos editais. Por serem poucos, por muitas vezes exigirem trajetória específica ou

trajetórias muito longas”, reclama. Ela acredita que o maior obstáculo seja o número pequeno de editais que atendam categorias diversas das artes, que contemplem montagem de novos trabalhos e pesquisa e deem chance para quem tem trajetória mais curta.

Tarson Núñez, que também está fazendo a análise dos dados do mapeamento da dança, conta que as universidades tiveram um papel fundamental. Foi possível mapear profissionais da dança em todo o Estado, em um processo de busca ativa que mobilizou a categoria. O resultado, conta Núñez, foi uma amostra de mais de 1.700 questionários que apresentou um quadro, indicando quem são os profissionais da dança, onde trabalham, quanto ganham, que tipo de atividade realizam. Atualmente os pesquisadores que coordenaram o mapeamento preparam uma publicação onde serão feitas análises e reflexões acerca dos dados obtidos.



Priscila Ferraz Pasko (1983 - Porto Alegre) é escritora, jornalista freelancer na área cultural e graduanda em Bacharelado em História da Arte (Ufrgs). É autora dos livros *Solo rachado por dentro* (Figura de Linguagem, prelo) e *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) - Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto. Também integra a coletânea *Novas contistas da literatura brasileira* (Zouk, 2018).